

Os médiuns e as revelações dos Espíritos

(O concurso de quantos médiuns será necessário para se ter o Controle Universal?)

“Quem já acordou está na obrigação de acordar os que ainda dormem, pois o tempo avança rápido e quem continua dormindo pode perder o horário da última nave espacial.” (BRUNO BERTOCCO)

Dentre os grandes problemas que aparecem, ao se falar em **CUEE** (Controle Universal do Ensino dos Espíritos), um deles é o que surge das opiniões que dão ideia (ou são no sentido) de que é preciso a confirmação de milhares de Espíritos, que falem da mesma forma sobre o mesmo fato.

Na **Revista Espírita 1866**, encontramos algo que já o mencionamos antes, mas, para bem nos situarmos neste estudo, é necessário retomarmos, porquanto é um ponto importante que, muitas vezes, não é levado em conta: **“O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo**; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (¹) (grifo nosso)

Se a principal obra da Codificação – *O Livro dos Espíritos* –, que, como todos sabemos, se desdobrou em novas publicações – *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *A Gênese* e *O Céu e o Inferno* –, cada uma delas esmiuçando uma de suas quatro partes, não é um tratado completo de Espiritismo, importa concluir, por óbvio, que novas coisas podem surgir fora das bases inamovíveis que são os seus princípios básicos, entre eles: mediunidade, influência dos Espíritos em nossas vidas, lei do progresso, reencarnação, mundo espiritual, pluralidade dos mundos habitados, etc.

Para completar nossa linha de raciocínio, trazemos esta outra fala de Kardec, publicada na **Revista Espírita 1868**:

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, **senão a título de hipóteses até a confirmação**. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. (²) (grifo nosso)

¹ KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.

² KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.

Ora, do jeito que as coisas andam, tudo nos leva a crer que não há a mínima possibilidade de vir novos conhecimentos, já que se está fazendo com a Doutrina Espírita o que os cristãos fizeram com as revelações divinas, fechando-as num livro – a Bíblia; em nosso caso, nessas cinco obras mencionadas, cujo conjunto, às vezes, designam de “Pentateuco”. Isso é puro atavismo que, a nosso ver, apresenta-se como algo totalmente fora de propósito.

É óbvio que não podemos aceitar qualquer novidade sem antes passá-la pelo crivo do CUEE, conforme orienta Kardec no artigo “Autoridade da Doutrina Espírita – Controle Universal do Ensino dos Espíritos”, publicado na *Revista Espírita 1864* ⁽³⁾; pois aí descambaremos para uma credulidade cega, ou seja, enquanto não for aceita como racional pela maioria dos Espíritos, não devemos considerar como coisa definida. Infelizmente, não é esse o caso do que acontece, principalmente, no Brasil: uns aceitando facilmente qualquer coisa, outros condenando sistematicamente tudo; não havendo prudência de nenhuma das partes.

A não ser que tenhamos passado batido, em nenhum lugar na Codificação foi estabelecido um número líquido e certo de médiuns/Espíritos para que se possa considerar como exercido o CUEE. Entretanto, Kardec aponta as condições imprescindíveis para tal empreendimento, que podemos resumir nestes três pontos de controle:

1º controle: o da lógica e da razão;

2º controle: o da uniformidade de opinião da maioria dos Espíritos;

3º controle: concordância das revelações vindas por vários médiuns, estranhos uns aos outros e de várias localidades, de preferência que não tenham conhecimento do que os outros disseram antes.

Do artigo “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, constante de **Obras Póstumas**, transcrevemos este pequeno trecho:

Não me contentei, entretanto, com essa verificação; os Espíritos assim mo haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam espinhosas. **Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho.** Da comparação e da fusão de todas as respostas; coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, **foi que elaborei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857.** ⁽⁴⁾ (grifo nosso)

Especificando um pouco mais, transcrevemos da obra **O Livro dos Espíritos -**

³ KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 99-105.

⁴ KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 301.

primeira edição de 18 de abril de 1857, publicada pelo IPECE – Instituto de Ensino e Pesquisa da Cultura Espírita, essa explicação:

[...] **Pode-se considerar que todo o texto que forma primeira edição de “O Livro dos Espíritos” foi obtido apenas com a participação da mediunidade de efeitos físicos, pertinentes a três médiuns adolescentes: Julie, 12 anos; Japhet, 15 anos; e Caroline, 14 anos.** Isso porque os enxertos que o professor Rivail fez nos textos compilados, **com a ajuda de cerca de uma dezena de médiuns de efeitos intelectuais**, foram sendo sucessivamente corrigidos pela plêiade de Espíritos desencarnados que atuava nas residências dos Srs. Roustan e Baudin, através de Julie, Caroline e Japhet, e por ela suprimidos. [...]. ⁽⁵⁾ (grifo nosso)

Portanto, o que temos no início da Codificação, quando da época da publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, de acordo com o que diz Kardec, foi a participação de “mais de dez médiuns” e não que ele teria tomado por base “comunicações de mil centros”.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de janeiro, Kardec explica algo que é bem oportuno para compreendermos como as coisas aconteceram. Vejamos:

Frequentemente, **se nos dirigem perguntas sobre a maneira pela qual obtivemos as comunicações que são objeto de O Livro dos Espíritos.** Resumimos, aqui, tanto mais voluntariamente, as respostas que nos fizeram, a esse respeito, pois isso nos dará ocasião de cumprir um dever de gratidão, para com as pessoas que quiseram nos prestar seu concurso.

Como explicamos, as comunicações por pancadas, dito de outro modo, pela tiptologia, são muito lentas e muito incompletas, para um trabalho de longo fôlego, também não empregamos, jamais, esse meio; **tudo foi obtido pela escrita e por intermédio de vários médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra; as respostas são, textualmente, as que nos foram dadas pelos Espíritos; a maioria, foi escrita sob nossos olhos, algumas foram tomadas de comunicações que nos foram dirigidas por correspondentes, ou que recolhemos, por toda parte onde estivemos, para estudá-las:** os Espíritos parecem, para esse efeito, multiplicar, aos nossos olhos, os sujeitos de observação.

Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho, foram a **senhorita B*****, cuja complacência nunca nos faltou; **o livro foi escrito, quase por inteiro, por seu intermédio e na presença de um numeroso auditório, que assistia às sessões**, e nelas tomavam o mais vivo interesse. Mais tarde, **os Espíritos prescreveram-lhe a revisão completa em conversas particulares, para fazerem todas as adições e correções que julgaram necessárias.** Essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da **senhorita Japhet**, que se prestou, com a maior complacência e o mais completo desinteresse, a todas as exigências dos Espíritos, porque eram eles que determinavam os dias e as horas de suas lições. [...].

⁵ KARDEC, *O Livro dos Espíritos – primeira edição de 18 de abril de 1857*, p. 23.

Allan Kardec ⁽⁶⁾ (grifo nosso)

Novamente temos que, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, Kardec contou com a participação de vários médiuns aos quais dirigiu as perguntas e algumas coisas foram tomadas de comunicações de vários correspondentes, o que concluímos que, s.m.j., esse é universo que faz o conjunto de “mais de dez médiuns”.

Na **Revista Espírita 1858**, Kardec publica um artigo intitulado “Da pluralidade das existências corpóreas”, do qual extraímos esse parágrafo:

[...] Temos ainda uma outra refutação a opor **é de que não foi ensinada somente a nós; ela o foi em muitos outros lugares, em França e no estrangeiro; na Alemanha, na Holanda, na Rússia, etc. e isso antes mesmo da publicação de O Livro dos Espíritos.** Acrescentamos ainda que, desde que nos entregamos ao estudo do Espiritismo, tivemos comunicações por **mais de cinquenta médiuns**, escreventes, falantes, videntes, etc., mais ou menos esclarecidos, de uma inteligência normal ou menos limitada, alguns mesmo completamente iletrados, e por consequência inteiramente estranhos às matérias filosóficas, e que, **em nenhum caso, os Espíritos foram desmentidos sobre essa questão; ocorre o mesmo em todos os círculos que conhecemos, onde o mesmo princípio foi professado.** Esse argumento não é sem réplica, nós o sabemos, por isso nele não insistiremos mais que o razoável. ⁽⁷⁾ (grifo nosso)

Pelo que entendemos, Kardec buscou confirmar a informação sobre a pluralidade de existências em mensagens recebidas por mais de cinquenta médiuns. Entretanto, não se trata de ponto novo, como poder-se-ia pensar, pois, já em abril de 1857, esse princípio constava da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Provavelmente, Kardec, por ainda não ter se convencido plenamente da reencarnação, resolveu insistir nesse ponto.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de dezembro, Kardec publica o artigo “Organização do Espiritismo”, onde relaciona 25 itens, dos quais destacamos o seguinte trecho:

24. Indicaremos, desde logo, alguns trabalhos aos quais as diversas Sociedades podem concorrer de maneira frutífera; em seguida indicaremos outros.

Sabe-se que os Espíritos, não tendo todos a soberana ciência, podem encarar certos princípios sob o seu ponto de vista pessoal, e, em consequência, não estarem sempre de acordo. **O melhor critério da verdade está, naturalmente, na concordância dos princípios ensinados sobre diversos pontos por Espíritos diferentes, e por intermédio de médiuns estranhos uns aos outros. Foi assim que foi composto O Livro dos Espíritos;** mas ainda restam muitas questões importantes que podem ser resolvidas dessa maneira, e cuja solução terá tanto

⁶ KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 36.

⁷ KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 295.

mais autoridade quanto tiver obtido uma grande maioria. **A Sociedade de Paris poderá, pois, na ocasião, dirigir as perguntas dessa natureza a todos os grupos correspondentes, que delas pedirão a solução, pelos seus médiuns, aos seus guias espirituais.** ⁽⁸⁾ (grifo nosso)

Aqui vemos como um dos pontos importantes do Controle Universal a recomendação de serem os médiuns estranhos uns aos outros.

Conseguimos identificar quando foi que Kardec passou a, metodicamente, usar outros médiuns, já que nessas orientações, datadas de dezembro de 1861, fala da possibilidade da Sociedade Espírita de Paris enviar perguntas aos diversos grupos, com os quais correspondia.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de janeiro, temos o artigo “Controle do Ensino Espírita”, do qual transcrevemos:

A organização que propusemos para a formação dos grupos espíritas tem por objetivo preparar os caminhos que devem facilitar, entre eles, relações mútuas. Ao número de vantagens que devem resultar dessas relações, é preciso colocar, em primeira linha, a unidade da Doutrina, que lhe será a consequência natural. Essa unidade já está feita em grande parte, e as bases fundamentais do Espiritismo hoje estão admitidas pela imensa maioria dos adeptos; **mas ainda há questões duvidosas, seja que não hajam sido resolvidas, seja que hajam sido em sentido diferente pelos homens, e mesmo pelos Espíritos.**

Se os sistemas, algumas vezes, são o produto de cérebros humanos, sabe-se que certos Espíritos não estão atrás nesse assunto; com efeito, vê-se que excitam com um maravilhoso jeito, encadeiam com muita arte, ideias frequentemente absurdas, e delas fazem um conjunto mais engenhoso do que sólido, mas que poderia falsear a opinião de pessoas que não se dão ao trabalho de aprofundar, ou que são incapazes de fazê-lo pela insuficiência dos seus conhecimentos. Sem dúvida, as ideias falsas acabam por cair diante da experiência e da inflexível lógica; mas, à espera disso, podem lançar a incerteza. Sabe-se também que, segundo sua elevação, os Espíritos podem ter, sobre certos pontos, uma maneira de ver mais ou menos justa; que as assinaturas que as comunicações levam nem sempre são uma garantia de autenticidade, e que os Espíritos orgulhosos procuram, às vezes, fazer passar utopias ao abrigo dos nomes respeitáveis com os quais se enfeitam. Sem contradição, é uma das principais dificuldades da ciência prática, e contra a qual muitos se chocaram.

O melhor critério, em caso de divergência, é a conformidade do ensino pelos diferentes Espíritos, e transmitidos por médiuns completamente estranhos uns aos outros. Quando o mesmo princípio for proclamado ou condenado pela maioria, será necessário render-se à evidência. Se é um meio de se chegar à verdade, seguramente, é pela concordância tanto quanto pela racionalidade das comunicações, ajudadas pelos meios que temos para constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos; cessando a opinião de ser individual, por tornar-se coletiva, adquire um grau de mais autenticidade, uma

⁸ KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 383-384.

vez que não pode ser considerada como o resultado de uma influência pessoal ou local. Aqueles que ainda estão incertos, terão uma base para fixar suas ideias, porque seria irracional pensar que, aquele que está só, ou quase, em sua opinião, tem razão contra todos.

O que contribui sobretudo para o crédito da **doutrina de *O Livro dos Espíritos***, **é precisamente porque, sendo o produto de um trabalho semelhante**, acha ecos por toda a parte; como dissemos, **não é o produto de um único Espírito, que pudera ter sido sistemático, nem de um único médium que pudera ter abusado**, mas, ao contrário, **o de um ensinamento coletivo por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e que os princípios que ele encerra são confirmados em quase toda parte.**

Dissemos mais ou menos, tendo em vista que, pela razão que explicamos acima, encontram-se Espíritos que procuram fazer prevalecer suas ideias pessoais. É, pois, útil submeter as ideias divergentes ao controle que propusemos; se a doutrina, ou algumas das doutrinas, que professamos, forem reconhecidas errôneas por uma voz unânime, submeter-nos-emos sem murmurar, felicitando-nos haja sido encontrada por outros; mas se, ao contrário, elas são confirmadas, permitir-nos-á crer que estamos com a verdade.

A Sociedade Espírita de Paris, compreendendo toda a importância de semelhante trabalho, e tendo primeiro que esclarecer a si mesma, e em seguida provar que não entende, de nenhum modo, se pôr como árbitro absoluto das doutrinas que ela professa, **submeterá, aos diferentes grupos que se correspondem com ela, as perguntas que acreditar mais úteis à propagação da verdade.** Essas perguntas **serão transmitidas, segundo as circunstâncias, seja por correspondência particular, seja por intermédio da *Revista Espírita*.** Concebe-se que, para ela, e em razão da maneira séria com a qual encara o Espiritismo, a autoridade das comunicações depende das condições nas quais se acham colocadas as reuniões, segundo o caráter dos membros e dos objetivos a que ela se propõe; emanando as comunicações de grupos formados sobre as bases indicadas pelo nosso artigo sobre a organização do Espiritismo, terão tanto mais peso, aos seus olhos, quanto esses grupos estiverem em melhores condições.

Submetemos aos nossos correspondentes as questões seguintes, à espera daquelas que lhes remeteremos ulteriormente. ⁽⁹⁾ (grifo nosso)

Kardec deixa claro que, para o conteúdo doutrinário de *O Livro dos Espíritos*, que julgamos se tratar aqui da segunda edição, publicada a 18 de março de 1860, utilizou-se do controle do ensinamento espírita, por ter trabalhado com vários médiuns, reconhecendo que essa obra contém “um ensinamento coletivo por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e que os princípios que ele encerra são confirmados em quase toda parte.”

Tomando de sua fala anterior, entendemos que, primeiramente, Kardec se utilizou de dez, para depois atingir o número de cinquenta médiuns, e com as correspondências recebidas tudo quanto foi dito através deles foi se confirmando. Isso fica claro para nós, pois só aqui, em janeiro de 1862, se vê que a recomendação

⁹ KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 16-18.

contida na “Organização do Espiritismo”, conforme propôs em dezembro do ano anterior, passou a ser uma orientação explícita para que a Sociedade Espírita de Paris enviasse perguntas aos diversos grupos correspondentes.

Tomemos agora a **Revista Espírita 1864**, para vermos novas informações. A primeira consta do artigo “Da perfeição dos seres criados”:

A questão dos animais pede alguns desenvolvimentos. Eles têm um princípio inteligente, isto é incontestável. De que natureza é esse princípio? Que relações tem com o do homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo passando de uma espécie à outra? Qual é para ele o limite do progresso? Caminha paralelamente ao homem, ou bem é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber mais tarde novas faculdades e sofrer a transformação humana? São tantas questões que ficaram insolúveis até este dia, e se o véu que cobre esse mistério não foi ainda levantado pelos Espíritos, é que isso teria sido prematuro: o homem não está ainda maduro para receber tanta luz. **Vários Espíritos deram, isto é verdade, teorias a esse respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva;** não se podem, pois, considerá-las, até nova ordem, senão como sistemas individuais. **Só a concordância pode dar-lhes uma consagração, porque aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos.** É por isso que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo o que ensinam individualmente; **um princípio, qualquer que seja, para nós não adquire autenticidade senão pela universalidade do ensinamento, quer dizer, pelas instruções idênticas dadas sobre todos os pontos por médiuns estranhos uns aos outros** e não sofrendo as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos, é preciso ouvir aqueles que provam a sua superioridade pela elevação de seus pensamentos, a alta importância de seus ensinamentos, não se contradizendo jamais, e não dizendo jamais nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Foi assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. [...].

Em geral, não se poderia trazer muita prudência **em fato de teorias novas sobre as quais pode-se iludir;** também quantas delas se viram, desde a origem do Espiritismo, que, prematuramente entregues à publicidade, não tiveram senão uma existência efêmera! **Assim o será com todas aquelas que não tiverem senão um caráter individual e não tiverem sofrido o controle da concordância.** Em nossa posição, **recebendo as comunicações de perto de mil centros Espíritas sérios, disseminados sobre os diversos pontos do globo, somos capazes de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece;** foi essa observação que nos guiou até este dia, e será igualmente a que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo está chamado a explorar. É assim que, há algum tempo, notamos nas comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do exterior, uma tendência a entrar numa via nova, pelas revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, frequentemente feitas com palavras veladas, passaram despercebidas para muitos daqueles que as obtiveram; **muitos outros acreditaram só eles tê-las; tomadas isoladamente, seriam para nós sem valor, mas a sua coincidência lhes dá uma alta seriedade, da qual será capaz de julgar mais tarde, quando chegar o momento**

de entregá-las à luz da publicidade. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

Kardec afirma ter recebido correspondências (= comunicações) de perto de mil centros espíritas sérios e que pôde perceber “os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece”, o que, dentro do contexto, está relacionado com a questão de novos princípios. Lembremos que nessa época já havia sido publicada a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* (18.03.1860), portanto, parece-nos que, para assuntos “espinhosos”, Kardec ampliava sua base de consulta, até mesmo porque, com abertura de novos centros espíritas, passou a ter condições mais favoráveis para estudar estes casos através do intercâmbio com eles.

Algo precisa ficar bem esclarecido, pois temos visto se interpretar o “perto de mil centros espíritas” no sentido de Kardec ter enviado perguntas a todos eles, e disso compilou o conteúdo da primeira edição, porém, como vimos, não foi o que o Codificador afirmou. Visando elucidar essa questão, recorreremos ao aviso “Aos nossos correspondentes”, datado de 1º de março de 1862, publicado na *Revista Espírita 1862*, em que Kardec aborda o volume das correspondências que recebia, dele tomaremos o seguinte parágrafo:

Entre as cartas que me são dirigidas, muitas contêm pedidos de evocação ou controles de evocações feitas alhures; muitas vezes pedem informações sobre aptidão para a mediunidade, ou sobre coisas de interesse material. Aqui lembrarei o que já disse noutra parte sobre a dificuldade e, mesmo, sobre os inconvenientes dessas espécies de evocações, feitas na ausência das pessoas interessadas, únicas aptas a verificar a sua exatidão e fazer as perguntas necessárias, ao que devemos acrescentar que os Espíritos se comunicam mais facilmente e com melhor boa vontade àqueles que lhes são afeiçoados do que a estranhos, que lhes são indiferentes. Eis por que, pondo de lado toda consideração relativa às minhas ocupações, só atenderei a pedidos desta natureza em circunstâncias excepcionais e, em todos o caso, jamais no que concerne a interesses materiais. **Muitas vezes uma porção de perguntas seriam evitadas se, a respeito, tivessem lido atentamente as instruções contidas em *O Livro dos Médiuns*, capítulo 26.** ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Assim, destaca-se que dos mil grupos que correspondiam com Kardec, uma boa parte do teor das cartas, que recebia, nada tinha a ver com algo que servisse de base para elaborar o conteúdo doutrinário do Espiritismo. Ademais, se “uma porção de perguntas seriam evitadas se, a respeito, tivessem lido atentamente as instruções contidas em *O Livro dos Médiuns*”, é, por demais óbvio, que essa obra já havia sido lançada; de fato, sua primeira edição ocorreu em 15 de janeiro de 1861.

O que não conseguimos precisar foi em que época a quantidade dos grupos

¹⁰ KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 68-69.

¹¹ KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 66

espíritas que correspondiam com Kardec chegou ao número perto de mil, o que provavelmente aconteceu após a publicação das edições posteriores de *O Livro dos Espíritos*.

Na **Revista Espírita 1860**, Kardec dá notícia sobre o lançamento da segunda edição:

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela deveria se compor de todas as perguntas que não encontraram ali lugar, onde as circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam dar nascimento; mas como são todas elas relativas, há algumas das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma continuidade. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir todo o conjunto, e nisto aproveitamos para dar, na distribuição das matérias, uma ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que podamos tudo o que tinha duplo emprego. **Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como uma obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma mudança**, com um número muito pequeno de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. **Esta conformidade nos princípios emitidos, apesar da diversidade das fontes onde os haurimos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita.** Nossa correspondência nos prova mesmo que comunicações em todos os pontos idênticas, se não pela forma ao menos pelo fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A história, de seu lado, atesta que a maioria destes princípios foram professados por homens eminentes de tempos antigos e modernos, e vem trazer-lhe sua sanção. ⁽¹²⁾ (grifo nosso)

Se não estivermos enganados, foi com a publicação da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, que Kardec se utilizou de diversas fontes, ou seja, das correspondências que recebia de variadas partes do globo.

Ainda na **Revista Espírita 1860**, mês de setembro, vamos encontrar comprovação do rápido progresso da Doutrina Espírita, se tomarmos como base que “A segunda edição do Livro dos Espíritos, publicada em março de 1860, **esgotou-se em 4 meses**. Uma terceira edição acaba de ser liberada.” ⁽¹³⁾ (grifo nosso)

Na **Revista Espírita 1861**, Kardec publica um artigo rebatendo o do Sr. Deschanel, publicado no *journal des Débats*. Destacamos:

Isto não é senão raciocínio; vejamos se os fatos veem contradizê-lo. **Julga-se o crédito de um jornal, as simpatias que ele encontra na opinião pública, pelo número de seus leitores.** Deve ser o mesmo com o Espiritismo, representado por algumas obras especiais; não falaremos senão das nossas, porque delas sabemos as cifras exatas; pois bem! **O Livro dos Espíritos, que passa por conter a**

¹² KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 96.

¹³ KARDEC, *Revista Espírita 1860* - PDF, p. 265.

exposição mais completa da doutrina, foi publicado em 1857; a 2ª edição em abril de 1860, a 3ª em agosto de 1860, quer dizer, quatro meses mais tarde, e em fevereiro de 1861 a 4ª estava em venda; assim, três edições em menos de um ano provam que todo o mundo não é da opinião do Sr. Deschanel. A nossa nova obra, *O Livro dos Médiuns*, apareceu dia 15 de janeiro de 1861 e já é necessário pensar em preparar uma nova edição; foi pedida na Rússia, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, nos Estados Unidos, no México, no Brasil, etc. ⁽¹⁴⁾

Kardec, então, comprova esse rápido progresso do qual falamos.

Um artigo da **Revista Espírita 1864**, do qual analisaremos um trecho, tem o título de “Autoridade da Doutrina – Controle Universal do Ensino dos Espíritos”, exatamente o tema que estamos tratando. Vejamos:

Por grande, bela e justa que seja uma ideia, é impossível que ela una, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se opera; são mesmo necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e **é útil que ocorram no começo, para que as ideias falsas sejam mais prontamente gastas.** Os Espíritos que concebiam algumas delas, tementes devem, pois, estar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas diante do grande e poderoso critério do controle universal. Não é à opinião de um homem que se unirá, é à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *não mais nós do que um outro*, que fundará a ortodoxia espírita; não será, não mais, um Espírito vindo se impor a quem quer que seja: **será a universalidade dos Espíritos se comunicando sobre toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita;** aí está a sua força, aí está a sua autoridade. Deus quis que a sua lei se assentasse sobre uma base inabalável, foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um único homem. ⁽¹⁵⁾ (grifo nosso)

Fica claro que o questionamento deve mesmo surgir, e a discussão, além de ser algo saudável, pode evitar que sigamos por uma trilha cheia de pedregulhos. Entretanto, o que temos visto é confrades querendo impor suas opiniões ou achando-as ser as únicas que devem prevalecer, sem se darem conta de que também as opiniões deles são individuais, por isso não têm força de lei, uma vez que podem ser justas ou não.

Ainda da **Revista Espírita 1864**, traremos um trecho do discurso de Kardec perante a Sociedade Espírita de Paris, no dia 1º de abril de 1864, no qual ele diz qual metodologia de trabalho ela seguia:

Repetirei aqui o que disse em outro lugar, porque não saberia muito dizê-lo de novo: **A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem nem de um**

¹⁴ KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 71.

¹⁵ KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 104-105.

Espírito; ela está na universalidade do ensino dado por estes últimos; o controle universal, como o sufrágio universal, decidirá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina bem melhor do que um concílio de homens. **Esse princípio**, disto estejamos certos, senhores, fará o seu caminho, como aquele de: Fora de caridade não há salvação, **porque está fundado sobre a mais rigorosa lógica e a abdicação da personalidade**. Não poderá contrariar senão os adversários do Espiritismo, e aqueles que não têm fé senão em suas luzes pessoais.

É porque a **Sociedade de Paris jamais se afastou em nada desse caminho traçado pela sã razão**, que ela conquistou o lugar que ocupa; confia-se nela, porque sabe-se que ela não avança nada levianamente, que não impõe suas próprias ideias, e que, por sua posição, **ela está, mais do que o que seja, no estado de constatar o sentido no qual se pronuncia o que se pode justamente chamar o sufrágio universal dos Espíritos**. Se jamais ela se **colocasse ao lado da maioria**, cairia, porque tem seu ponto de apoio por toda a parte, mas a sociedade não tendo mais o seu por toda a parte, cairia. O Espiritismo, com efeito, por sua natureza toda excepcional, não repousa mais sobre uma sociedade do que sobre um indivíduo; a de Paris jamais disse: Fora de mim, não há Espiritismo; ela viria, pois, a cessar de existir, que não seguiria menos seu curso, porque tem raízes na multidão inumerável dos intérpretes dos Espíritos, no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual. ⁽¹⁶⁾ (grifo nosso)

A metodologia que se aplicava na Sociedade Espírita de Paris, era exatamente o Controle Universal, ou, conforme diz Kardec, “o sufrágio universal dos Espíritos”, procedimento que fazia com que ela “se colocasse ao lado da maioria”.

Avancemos. Agora temos em mãos a **Revista Espírita 1867**, da qual transcreveremos uma nota em que Kardec menciona o jornal *Progrés Spiritualiste*:

Novo jornal aparecendo duas vezes por mês, desde 15 de abril, no formato do antigo *Avenir*, ao qual ele anuncia suceder. O *Avenir* foi feito o representante de ideias às quais não podíamos dar a nossa adesão. Não é uma razão para que essas ideias não tenham seu órgão, a fim de que cada um esteja de modo a apreciá-las, e que se possa julgar de seu valor pela simpatia que elas encontram na maioria dos Espíritos e sua concordância com o ensino da generalidade dos Espíritos. **O Espiritismo não adotando senão os princípios consagrados pela universalidade do ensino, sancionado pela razão e pela lógica, sempre caminhou, e sempre caminhará com a maioria; é o que faz a sua força**. Não há, pois, nada a temer das ideias divergentes; se elas são justas, prevalecerão, e serão adotadas; se são falsas, cairão. ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

Queremos chamar a atenção para o “sempre caminhará com a maioria”, pois pensam alguns que Universalidade signifique unanimidade do ensino, até mesmo porque esta palavra, algumas vezes, é utilizada parecendo ter mesmo este sentido; mas, ao nosso modo de ver, significa a “maioria” e não “todos”.

¹⁶ KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 141-142.

¹⁷ KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 191.

Das considerações de Kardec no artigo “Fernande – novela espírita”, publicado na **Revista Espírita 1867**, transcrevemos:

Espanta-se, enfim, de ver Fernande, Espírito avançado, sustentar esta proposição de um outro tempo: “Laura se torna mãe; Deus teve piedade dela, e chamou a ele essa criança. Às vezes ela vem revê-la. Ela é triste, porque estando morta sem batismo, não gozará jamais da contemplação divina.” Assim, eis um Espírito que Deus chama a ele, e que é para sempre infeliz e privado da contemplação de Deus, porque não recebeu o batismo, quando não dependeu dele recebê-lo, e que a falta é do próprio Deus que o chamou muito cedo. Foram essas doutrinas que fizeram tantos incrédulos, e se esperam fazê-las passar com o favor das ideias espíritas que tomam raízes, enganam; **aceitar-se-ão as ideias espíritas do que é racional e sancionado pela universalidade do ensino dos Espíritos.** Se há ainda aí da transação, ela é inábil. Colocamos a esse respeito que, **sobre mil centros espíritas onde as proporções que acabamos de criticar seriam submetidas aos Espíritos, delas novecentos e noventa serão resolvidas em sentido contrário.**

Foi a universalidade do ensino, sancionada, além disso, pela lógica, que fez e que completará a Doutrina Espírita. Esta doutrina haure, **nessa universalidade do ensino dado sobre todos pontos do globo, por Espíritos diferentes, e em centros completamente estranhos uns aos outros**, e que não sofrem nenhuma pressão comum, uma força contra a qual lutariam em vão as opiniões individuais, seja dos Espíritos, seja dos homens. A aliança que se pretendia estabelecer das ideias espíritas com ideias contraditórias, não podem ser senão efêmeras e localizadas. **As opiniões individuais podem ligar alguns indivíduos, mas forçosamente circunscritas, elas não podem ligar a maioria, a menos de ter a sanção dessa maioria.** Repelidas pelo maior número, são sem vitalidade, e se extinguem com os seus representantes.

Isto é o resultado de um cálculo todo matemático. **Se, sobre mil centros, há 990 deles onde se ensina a mesma lição, e dez de uma facção contrária, é evidente que a opinião dominante será a de 990 sobre 1000, quer dizer, a quase unanimidade.** Pois bem! estamos certos de fazer uma parte muito ampla nas ideias divergentes, levando-as a um centésimo. Não formulando um princípio antes de estar assegurado pelo consentimento geral, estamos sempre de acordo com a opinião da maioria. ⁽¹⁸⁾ (grifo nosso)

Reforça o fato de que não é questão de unanimidade, mas, sim, de “a maioria”, para se considerar algo novo, especialmente como um ponto doutrinário.

Em **A Gênese**, capítulo XI, no tópico “Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso” há a seguinte nota explicativa:

Quando publicamos um artigo sobre “a interpretação da doutrina dos anjos decaídos” na “Revista Espírita” de janeiro de 1862, apresentamos essa teoria como uma hipótese, sem outra autoridade que não a de uma opinião pessoal discutível, porque então nos faltavam elementos bastantes completos para uma afirmação absoluta. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista suscitar o debate da

¹⁸ KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 230-231.

questão, decididos, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. **Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal**; não somente ela **foi aceita pela maioria dos espíritas** como a mais racional e a mais de acordo com a soberana justiça de Deus, **mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos espíritos sobre esse assunto**. O mesmo ocorrendo com o que diz respeito à origem da raça adâmica. ⁽¹⁹⁾ (grifo nosso)

Muito interessante Kardec dizer, na sua justificativa, que “Não só foi bem-aceita pela maioria dos espíritas”, pois valoriza a opinião também dos encarnados sobre determinado ponto, provavelmente, ligada à questão da lógica e da razão. Esse certamente foi o motivo pelo qual sempre publicava alguma coisa esperando ver a reação que ela provocaria nos espíritas.

Novamente ressaltamos, para que fique bem entendida essa questão, que “generalidade” não é unanimidade, significa, conforme se deduz da fala de Kardec, a maioria.

Acreditamos que duas outras falas de Kardec, que o confrade Elio Mollo, site Era do Espírito ⁽²⁰⁾, nos lembrou, via e-mail, podem acrescentar algo importante ao nosso estudo. A primeira consta de ***O Livro dos Médiuns***, capítulo III, item 35:

[...] Os que desejem tudo conhecer de uma ciência **devem necessariamente ler tudo** o que se ache escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, o que haja de principal, **não se limitando a um único autor**. Devem mesmo **ler o pró e o contra, as críticas como as apologias**, inteirar-se dos diferentes sistemas, **a fim de poderem julgar por comparação**.

Por esse lado, **não preconizamos, nem criticamos obra alguma, visto não querermos, de nenhum modo, influenciar a opinião que dela se possa formar**. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. **Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso**. ⁽²¹⁾ (grifo nosso)

A fala com que Kardec fecha o texto merece uma boa reflexão por todos nós: “não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor de luz”.

A segunda, encontra-se na obra ***Catálogo Racional - obras para se fundar uma biblioteca espírita***; isso deve parecer grego para muitos espíritas; mas, sim, caro leitor, Kardec publicou uma obra com este título. Vejamos o que ele diz no início do capítulo “Obras Contra o Espiritismo”:

Proibir um livro é sinal de que se o teme. O Espiritismo, longe de temer a

¹⁹ KARDEC, *A Gênese*, p. 252.

²⁰ Link: www.eradoespirito.net

²¹ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 53.

divulgação dos escritos publicados contra si e proibir-lhes a leitura a seus adeptos, chama a atenção destes e do público para tais obras, **a fim de que possam julgar por comparação**. [...]. ⁽²²⁾ (grifo nosso)

Nessas duas falas, destacam-se esses pontos: “é proibido proibir”; “não se deve criticar (negativamente) obra alguma”; “não se limitar à leitura de um só autor”; “ler tudo, seja a favor ou contra”; “devemos julgar por comparação” e “cabe ao leitor separar o joio do trigo”. Infelizmente, nada disso é observado pela grande maioria dos espíritas dessa terra dos tupiniquins.

Acreditamos que, aqui, temos boas informações sobre as quais devemos refletir com mais carinho, pois, quase todos nós estamos, de forma alguma, querendo impor aos outros as nossas ideias sobre essa questão do CUEE.

Para nós, ficou bem claro o fato de não podermos desconsiderar a opinião de eminentes estudiosos; devemos ouvi-los, sim, mas isso não quer dizer que sempre estejam certos, apenas que devemos dar uma maior atenção ao que dizem. É fácil de ver que muitos companheiros, sem terem opiniões contrárias de outros Espíritos, negam os pontos apresentados por algumas pessoas, combatendo, por puro espírito de sistema, certas ideias vindas delas, contrariando o que o Codificador orienta.

Por outro lado, quando apresentamos argumentos de uma pessoa dessa, ou seja, um estudioso da doutrina, para justificar algum ponto que achamos correto, vemos uma negação sistemática do que ela pensa, para com isso, fazer prevalecer a opinião dela que nega o ponto. Isso é algo como que um tiro pela culatra, pois, se quem nega não aceita a opinião de um estudioso, por que nós, que lhe ouvimos ou lemos, deveremos aceitar a dele, já que também o que pensa é uma opinião individual?

Infelizmente, não são poucos os que se comportam como sendo os donos da verdade; a esses, dirigimos esta frase de Kardec: “O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro”. ⁽²³⁾

Paulo da Silva Neto Sobrinho
mar/2015.
Nova versão nov/2018
Revisor: Hugo Alvarenga Novais

Referências bibliográficas:

²² KARDEC, *Catálogo Racional – obras para se fundar uma biblioteca espírita*, p. 85.

²³ KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 38.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. *Catálogo racional - obras para se fundar uma biblioteca espírita*. São Paulo: Madras: USE, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos - primeira edição de 18 de abril de 1857*. São Paulo: IPECE, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860 - PDF*. Araras, SP: IDE, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993.

Artigo foi publicado:

- revista digital eletrônica **O Consolador**, nº 412, 03 de maio de 2015, disponível: <http://www.oconsolador.com.br/ano9/412/especial.html>, Parte 1.

- revista digital eletrônica **O Consolador**, nº 413, 10 de maio de 2015, disponível: <http://www.oconsolador.com.br/ano9/413/especial.html>, Parte 2 e final.

- revista **Espiritismo & Ciência Especial**, nº 108. São Paulo: Mythos Editora, dezembro/2019, p. 34-51.